

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA
NACIONAL

WELLINGTON BUENO GONÇALVES

**MANOEL DE BARROS: o poeta das coisas sem importância.
Uma poesia sobre nada**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA
2012

WELLINGTON BUENO GONÇALVES

**MANOEL DE BARROS: o poeta das coisas sem importância.
Uma poesia sobre nada**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista do programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Poletto

CURITIBA
2012

AGRADECIMENTOS

Aos professores que nos apoiaram durante todo esse ano de trabalho, ao professor Juarez Poletto pela orientação e apontamentos. Agradeço aos amigos de turma, pelas trocas e a palavra amiga na hora certa.

EPIGRAFE

“Prefiro as linhas tortas, como Deus. Em menino eu sonhava de ter uma perna mais curta (Só pra poder andar torto). (BARROS, Manoel, 2009)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir os poemas de Manoel de Barros, buscando os recursos utilizados pelo autor no seu fazer poético: imagens e a volta do autor para a terra e para a natureza, lugar onde o homem se redescobre através do sentido das palavras e encontra um lugar para si mesmo e como, através da sua poesia, o autor tenta “descoisificar a realidade”.

PALAVRAS-CHAVE: poesia – imagens - palavras

ABSTRACT

This report aims to discuss the Manoel de Barros's poems, seeking the resources used by the author in his poetic images and the author's return to the land and nature, a place where the man rediscovers himself through of meaning of words and find a place for himself and through his poetry the author tries to "descoisifica the reality."

KeyWords: Poetry, images, words

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO1
2. MANOEL DE BARROS E O FAZER POÉTICO.....	3
3. A INVENÇÃO DA LINGUAGEM “MANOELINA”.....	6
4. MANOEL DE BARROS E A REPRESENTAÇÃO DO MUNDO.....	9
5. CONCLUSÃO13
6. REFERÊNCIAS14

1. INTRODUÇÃO

Manoel de Barros, um poeta que trabalha com as palavras como criança quando encontra um brinquedo ou uma novidade, poeta pantaneiro que busca em seus versos apresentar aquelas coisas sem importância e que não ocupam outros poetas, como o amor ao chão, à natureza e aos bichos, representações que encontraremos em suas poesias.

Neste trabalho, centraremos a pesquisa na obra *Livro sobre Nada* (1996) onde buscaremos encontrar uma certa relação entre o homem e o espaço em que vive e é representado através da linguagem usada pelo nosso autor. Buscaremos em Linda Hutcheon, em sua *Poética Pós-Moderna* fundamentação para mostrar que o poeta, através da linguagem que nos apresenta, faz parte desse fenômeno pós-moderno e que sua poesia pode ser relacionada à teoria da autora, que ressalta:

o pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia – seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, no cinema, no vídeo, na dança, na televisão, na música, na filosofia, na teoria estética, na psicanálise, na linguística ou na historiografia (HUTCHEON, 1991).

Manoel de Barros apresenta esse fenômeno através de sua linguagem, brincar com a linguagem e as palavras, criar neologismos, como “madrugenta, coisal, pedral, empoema, desacontecem”, todos termos criados para uma proposta de transformação poética, para uma reflexão sobre o fazer poético construções vocabulares e recursos linguísticos que tornam sua obra particular.

Nessa imagem poética, o autor mostra um universo em movimento e concebe esse movimento com a construção através da linguagem e essas representações ampliam a leitura. De modo geral, pode-se dizer que a poesia de Manoel de Barros levanta a questão das relações entre a palavra e as coisas, típica da poesia moderna, e responde a ela com uma leitura peculiar. Para ele, mergulhar na poesia compara-se, inicialmente, a mergulhar no

espaço do mundo. Olhando para as coisas que o cercam, o poeta sente que a linguagem é o único caminho para que se possa voltar à simplicidade, à palavra primordial, voltar a ser criança, como nos afirma o próprio poeta: “Quando crescer vou ficar criança” ou ainda melhor “Chegar ao criancimento das palavras”

Carpinejar (2006) salienta que, apesar de o universo poético de Manoel de Barros contemplar, especialmente, componentes da natureza pantaneira, tais como o pássaro, a rã, a árvore, o lagarto e a pedra, dentre vários elementos integrados ao regional, seu fazer poético possui uma dimensão universal, por contemplar problemas inerentes à humanidade, de modo geral, e ao poeta, de modo particular. Desses problemas, destacam-se a integração e a interação do homem com o seu entorno e a elaboração de um fazer poético que possa dar conta de traduzir essa visão de maneira lúdica e em uma linguagem totalmente simples.

Criar o poema equivale a recriar o mundo para o autor, em seu dinamismo; e experimentar a palavra é experimentar o mundo, nos seus momentos originários. Porém há que passar, para se chegar a uma palavra criadora, pelo nível de linguagem onde as palavras são usadas apenas para cercear e dominar o imprevisível da experiência. E é através dessa busca da representação da vida do poeta através de suas poesias que usaremos o conceito:

... a poesia é fome de realidade. O desejo aspira sempre a suprimir as distâncias, conforme vemos no desejo por excelência - o impulso amoroso. A imagem é a ponte que liga o desejo entre o homem e a realidade (PAZ, 1982, p. 20).

A partir do que foi apresentado, buscaremos em um *Livro sobre Nada*, mostrar como se faz a poesia de Manoel de Barros, através do seu fazer poético e sua apresentação sobre a busca da “desutilidade” poética, ou seja, como o poeta busca a simplicidade, as coisas da terra, a natureza, a infância, através da desconstrução da linguagem e uma visão pós-moderna.

2. MANOEL DE BARROS E O FAZER POÉTICO

Manoel de Barros nos fala da poesia e do fazer poético, comparando-os com várias ideias, uma delas é como se carregar água em uma peneira. Para o autor fazer poesia é também “montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos”, ou seja, é trabalhar com uma lógica que, no mais das vezes, encontra-se fora da esfera do rotineiro e do previsível.

Fazer poesia é olhar a realidade do mundo sob um ponto de vista nem sempre objetivo. Fazer poesia é brincar com as palavras, ou seja, arranjá-las de modo que criem um mundo particular, de tal forma que produzam determinados efeitos em que lê. Para o autor muitas vezes a poesia deve quebrar o sentido original da palavra para assim se tornar poesia e dar asas às palavras:

*O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.
Há que se dar um gosto incasto aos termos.
Haver com eles um relacionamento voluptuoso.
Talvez corrompê-los até a quimera.
Escurecer as relações entre os termos em vez de
aclará-los. Não existir mais reis nem regências.
Uma certa luxúria com a liberdade convém.*
(BARROS, 1989, p. 56)

A linguagem de Manoel de Barros e a poética Pós-Moderna buscam a renovação de sentidos, caminhos que ultrapassam os limites das palavras. Segundo Linda Hutcheon, o “Pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia” (1991, p. 19), essa linguagem engloba inúmeras formas do social, do econômico, do político e do cultural.

Para Hutcheon, a poética do Pós-Modernismo mostra possibilidades para se criar “imagens da realidade” que fazem pelo entendimento do sujeito, mudando a arte ao seu próprio processo construtivo e de existência. A constante reflexibilidade sobre seu fazer poético, do processo criativo de sua narrativa são elementos que permeiam o discurso de Manoel de Barros. Nesse

discurso o autor consegue em sua poesia 2, do *Livro sobre Nada*, usar a linguagem para englobar o contraditório, mostrar a distância entre a simplicidade de campo e os conceitos das cidades, aqui nos apresenta essas formas sociais e culturais apresentadas por Hutcheon:

2

O pai morava no fim de um lugar.

Aqui é lacuna de gente – falou:

Só quase que tem bicho andorinha e árvore.

Quem aperta o botão do amanhecer é o arãquã.

Um dia por lá um doutor formado: cheio de suspensórios e adamanes.

Na beira dos brejos gaviões – caranguejeiros comiam caranguejos.

E era mesma a distância entre as rãs e a relva.

A gente brincava com terra.

O doutor apareceu. Disse de tomar anqui-lostomina.

Perto de nós sempre havia uma espera de rolinhas.

O doutor espantou as rolinhas.

(BARROS, 1996: p13)

Este poema encontra-se na primeira parte (“Arte de infantilizar formigas”) do *Livro sobre Nada*, obra que rendeu a Barros o Prêmio Nestlé de Literatura, pelo alto grau de jogos de palavras usadas para criar uma realidade própria. O poeta faz esse poema baseando o eu-lírico na voz de um menino que recorda sentimentos e imagens que viveu uma criança.

Aqui o poeta demonstra o contraste entre o campo e a cidade, a andorinha, as árvores, a rã, o brejo representam a simplicidade, a criação original tanto da vida quanto da linguagem, essa criação é subvertida com a representação do doutor que traz seus apetrechos modernos como suspensórios e remédios “anqui – lostomina”, esse aparecimento do doutor faz com que o lugar também mude suas características e essa mudança é representada no último verso, quando o doutor “espantou as rolinhas”, assim o poeta, como vimos em Hutcheon, consegue englobar as várias esferas do social, nos apresenta o doutor que faz parte de uma classe social rica e mais respeitada e também a do pai que morava em um lugar distante sem acesso a educação ou tecnologia.

No poema 2 ainda podemos nos valer das marcas da infância, onde o poeta manifesta-se no mundo através do que vê a criança, trata-se de imagem porque a memória tem o auxílio da imaginação e isso é o que constrói a poesia: a sua imitação da realidade. Segundo Paz (1982):

O poeta lírico, ao recriar sua experiência, convoca um passado que é um futuro. Não é paradoxo afirmar que o poeta é como as crianças, os primitivos, em suma, como todos os homens quando dão rédea solta à sua tendência mais profunda e natural – é um imitador profissional. Essa imitação é criação original: evocação, ressurreição, recriação de algo que está na origem dos tempos e no fundo de cada homem, algo que se confunde com o tempo e conosco, e que, sendo de todos, é também único e singular. (PAZ, 1982: 80-1)

Aqui Paz nos mostra que podemos verificar na poesia de Barros que misturam-se, através de sua linguagem, os pensamentos de uma criança que fundem-se com a representação das cidades e do passado reinventado. Assim a poesia do autor é criada através da imagem que ele tem do passado, da leitura de uma criança e o que ele conhece como diferença de esferas sociais.

3. A INVENÇÃO DA LINGUAGEM “MANOELINA”

Em Poética do Pós-Modernismo, Linda Hutcheon procura, através da história, teoria e ficção, caracterizar a produção artística pós anos sessenta como uma poética baseada na auto-reflexividade: questiona, contesta e desafia a cultura, a partir de seu interior. Tal poética – fundamentalmente contraditória, segundo Hutcheon – busca afirmar a diferença, colocando-se fora do centro de valores estabelecidos, quer sociais ou estéticos: é, portanto, uma arte "ex-cêntrica". Assim, o desafio da poética contemporânea é transgredir os limites das fronteiras das convenções artísticas – como as fronteiras fluidas entre os gêneros literários.

A grande contribuição da obra poética no que representa o poeta como aquele que desvenda os caminhos da linguagem, a criatividade no uso dos neologismos, e vai renovando e dando novos sentidos ao uso das palavras. Em Manoel de Barros a sua preocupação intencional é de compor a ruptura em relação qualquer tipo de conceito linguístico ou de formas aplicadas à nossa gramática normativa, com isso, o poeta cria uma poesia livre de padrões vigentes e assim vai edificando seu mundo que representa aqui a fuga do que é normal.

O próprio poeta comenta a sua preocupação com a estrutura da linguagem. Que só queria modificar um pouco a estrutura lingüística. Tanto na prosa como na poesia, diz que seu gosto é modificar, que nunca aceitou o mundo que está aí, mas que essa é uma história pessoal. Inspiração ele diz conhecer só de nome, que ele tem é excitação pela palavra e que quando uma palavra o excita, ele vai atrás da história dela, vai nos etimologistas, anda pelo latim, procura os caminhos dessa palavra e que, nessa procura, outras palavras se juntam e, às vezes, pedem um poema. E ele obedece.

Nos poemas normalmente encontramos o uso desses recursos linguísticos inovadores que o poeta afirma ser a representação da linguagem infantil, ou loucos e bêbados, que é a representação da busca da simplicidade. Nos últimos 3 versos da poesia 9 em seu *Livro sobre Nada*, o poeta demonstra, através da figura do seu avô, que ao saber das coisas imprestáveis se torna cheio de sabedoria:

*[...] Meu avô sabia o valor das coisas imprestáveis.
Seria um autodidata?
Era o próprio indizível pessoal.
(BARROS, 1996,p27)*

Podemos notar no último verso que o poeta desabriga o sentido usual da palavra e transforma saber o “indizível” em algo valoroso, e é o que busca o poeta: mudar os significados originais das palavras, descoisificar o habitual e delirar com as palavras como afirma o próprio autor: “Desinventar objetos, o pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear.” (BARROS,1996)

Manoel de Barros vai desfazendo os significados das palavras e afirma que este é o papel da poesia, ultrapassar o sentido e demonstrar que é a linguagem que mostra o avesso, que foge da realidade, portanto o autor pretende com sua poesia criar algo novo com os sentidos das palavras, na poesia 5.3 do *Livro sobre Nada* o poeta escreve: “A voz de meu avô arfa. Estava com um livro debaixo dos olhos. Vô! o livro está de cabeça pra baixo. Estou deslendo.”

Aqui novamente nos deparamos com a desconstrução, com a poesia do contrário e o que parece uma leitura simples e de pouca importância se torna de difícil acesso, que é característica da poesia pós moderna e aqui o autor mostra o que nos afirma Hutcheon em relação as poesia pós-moderna que “busca afirmar a diferença, colocando-se fora do centro de valores estabelecidos, quer sociais ou estéticos: é, portanto, uma arte "ex-cêntrica". Assim, o desafio da poética contemporânea é transgredir os limites das fronteiras das convenções artísticas”. Essa fronteira apresentada por Hutcheon,

é quase sempre o caminho percorrido pelo nosso autor, que busca em sua experiência sempre uma nova proposta para a linguagem.

A linguagem, palavras e coisas, colocadas numa sintaxe especial, impulsiona a poesia, ou seja, a um espaço em que o dizer reafirma sua própria forma de construção, explicitando-se como processo. Tornar a palavra uma coisa como um brinquedo e transformar as coisas existentes numa linguagem desconcertante se interpenetram no espaço da poesia. Assim, tanto em relação à língua enquanto instrumento do poético quanto em relação à realidade social retratada. Em outro fragmento de *Livro sobre nada*, encontramos:

Escrevo o idioleto manaelês arcaico (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas).
Preciso atrapalhar as significâncias. (2000, p.43)

Aqui percebemos a criação da própria linguagem do autor, o “manaelês arcaico” e o próprio poeta pode criar sua linguagem, suas normas, sua forma de escrever, mostrando assim a qual linguagem pertence sua poesia. Retornando à busca dos sentidos originais das palavras, o autor, cria a linguagem “manaelina” uma forma original de escrever, que faz assim nosso autor se tornar único.

4. MANOEL DE BARROS E A REPRESENTAÇÃO DO MUNDO

Elegia de Seo Antônio Ninguém

*Sou um sujeito desacontecido
rolando borra abaixo como bosta de cobra.
Fui relatado no capítulo da borra.
Em aba de chapéu velho só nasce flor taciturna.
Tudo é noite no meu canto.
(Tinha a voz encostada no escuro. Falava putamente)
Estou sem eternidades.
Não tenho mais cupidez.
Ando cheio de lodo pelas juntas como os velhos navios
naufragados.
Não sirvo mais pra pessoa.
Sou uma ruína concupiscente
Crescem ortigas sobre meus ombros
Nascem goteiras por todos o canto.
Entram morcegos aranhas gafanhotos na minha alma
Nos lepramentos dos rebocos dormem baratas torvas
Falo sem alarmes.
Meu olhar tem odor de extinção.
Tenho abandonos por dentro e por fora.
Meu desnome é Antônio Ninguém.
Eu pareço com nada parecido.*

(Barros 1996: p79)

A poesia nasce da experiência e da vida que o escritor tem de sua realidade histórica e social. O autor e o leitor compartilham um universo correspondente a uma síntese, intuitiva ou racional, simbólica ou realista, do aqui e agora da leitura. Mesmo que o aqui e agora do leitor não coincida com o aqui e agora do escritor. Linda Hutcheon comenta que a criação literária nasce da imaginação e que essa imaginação tem a realidade como referência, isso impulsiona o poeta e sua poesia. Em Manoel de Barros encontramos essa busca da representação histórica a partir da simplicidade, das coisas da terra, da natureza, do nada, do ninguém: “*Sou um sujeito desacontecido*”. (Barros 1996: p79)

E é desse mesmo modo que Manoel de Barros se apresenta como forte leitor da realidade que está em sua volta, revela-nos suas dificuldades diante da condição humana na sociedade capitalista vigente. A linguagem e os modos de expressão iniciam uma reflexão sobre si mesmos, o que conduz as artes à busca de sua autonomia, deixando de ser mero espelho ou reflexo da realidade, tornando-se reflexão da historicidade.

Portanto, a linguagem reforça-se como um fato social cuja existência se funda nas necessidades de comunicar e expressar os descontentamentos humanos; o artista participa do seu tempo e espaço, procura as falhas da história e mostra-as em sua obra. Para tal, o instrumento que contribui para que o escritor manipule suas ideias é a linguagem, ela é a morada do ser, o homem conhece e reconhece a si e ao mundo na linguagem, é através dela que ele atuará, transformando ou legitimando determinado momento histórico revelando o engajamento de sua obra.

Linda Hutcheon, na *Poética do Pós-Modernismo*, descreve os desgraçados da sociedade, os que estão à beira dela, ou que são diferentes. Portanto, e como já foi mencionado, no pós-modernismo, os excêntricos vêm sendo definidos em termos particularizantes: etnicismo, sexo, nacionalidade, raça, sexualidade, mas ao mesmo tempo, conquistam o valor que até então era negado pela sociedade.

Manoel de Barros coloca “os perdidos” na sua poética sem transformá-los em centro. O poeta direciona o seu foco para a margem da sociedade, sem permitir que eles assumam um lugar privilegiado, como podemos observar nesse trecho, que transmite angústia com grande conteúdo crítico:

Tenho abandonos por dentro e por fora.
Meu desnome é Antonio Ninguém.
Eu pareço com nada parecido.
(Barros 1996: p79)

O autor apresenta para o leitor a preocupante condição humana, mas sem o intuito de engrandecê-la. Ao contrário, mostra que pouco pode fazer o poeta para modificar um problema sociopolítico e econômico, mas indiretamente conduz o leitor a questionar a sua posição no mundo, já que “um livro pode afetar a consciência – afetar a forma como as pessoas pensam e, portanto, a forma como agem”.

Manoel de Barros afirma que quer pegar certas palavras já muito usadas, como as velhas prostitutas, decaídas, sujas de sangue e esterco – pegar essas palavras e arrumá-las num poema, de forma que adquiram nova vida. Salvá-las, assim, da morte por clichê. “Não tenho outro gozo maior do que descobrir para algumas palavras relações dissuetas e até anômalas.” (BARROS, p. 308)

Para o autor, ao buscar as coisas sem importância, estará colocando o seu texto na história e na sociedade, usando a desconstrução da linguagem para a sua denúncia; uma vez que, o que a sociedade rejeita ele elege para sua poesia; Barros mostra em sua poesia as impurezas e, à medida que desrealiza a linguagem e o mundo, constrói a maior manifestação de rebeldia contra o *status* da realidade.

Manoel de Barros escolhe o Pantanal, a natureza e as coisas ínfimas para a composição de seu fazer poético, como se o poeta não encontrasse seu lugar no mundo e, por isso, a busca por um mundo poético diferente, no qual as coisas e as pessoas não são apenas mercadoria. E o faz na valorização dos “*abandonados*” e no repúdio aos bens da sociedade, sempre de maneira sutil, mas com grande carga de denúncias.

Escrevo o idioleto manoielês arcaico (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas).
(Barros 1996: p43)

Assim, para o autor, “[...] não basta, como escritor, ser desconfiado ou bem-humorado em relação à arte ou à literatura; o teórico e o crítico estão

inevitavelmente envolvidos com as ideologias e as instituições” (Hutcheon 1991: 125), no entanto na literatura pós-moderna, a tendência do poeta é de ser o crítico, é de poetizar-se na busca de leitores mais ligados com os problemas de sua época.

... poesia pra mim é a loucura das palavras, é o delírio verbal, a ressonância das letras e o ilogismo. Sempre achei que atrás da voz dos poetas moram crianças, bêbados, psicóticos. Sem eles a linguagem seria mesmal. (...) Prefiro escrever o desanormal (BARROS, 2000, p. 63).

O poesia de Manoel de Barros está sempre carregada com a denúncia, com a condição das famílias pobres, que vivem em pequenas cidades brasileiras, vítimas da seca, da fome e do abandono.

“O abandono me protege” (Barros 1996: p57)

Ao buscar nesse poema ao que é explicado por Hutcheon, vemos que o poeta volta a demonstrar a ideologia do pós-modernismo, voltada para o reconhecimento da relação entre o estético e o político, e também da necessidade da consciência das questões sociais presentes na realidade circundante.

Notamos então que a poesia de Manoel de Barros é engajada na problemática social, o poeta é insatisfeito com seu tempo, com as injustiças que o cercam e assim faz uma poesia que mostra sua preocupação com a sociedade que o cerca.

Linda Hutcheon vê na literatura contemporânea a ênfase no papel do receptor, mas sem reprimir o processo de produção que, afinal, não deixa de restringir, pelos limites textuais, a atuação do leitor. Assim, a entidade enunciativa, o eu decodificador e senhor da produção textual cede lugar à idéia de texto como ênfase ao processo de produção, ao contexto e também à situação enunciativa: “... ao enfatizarem o papel do *receptor*, as obras pós-modernas nunca reprimem o processo *de produção*”.

5. CONCLUSÃO

Percebemos que a poesia Manoel de Barros busca explorar todas as formas e significados da linguagem, em que o vocabulário usual ganha novas diretrizes, buscando uma linguagem que recupere a relação original do homem com a natureza e em sua poesia coloca o problema de suas relações com o espaço do mundo, abrindo perspectivas de interpretação no jogo múltiplo desse intervalo.

De modo geral, pode-se dizer que a poesia de Manoel de Barros nos encaminha para as relações entre a palavra e as coisas, típica da poesia moderna, e responde a ela com uma semântica diferenciada. Para o poeta, estudar a poesia é mergulhar no espaço do mundo. Olhando para as coisas que o cercam, o poeta sente.

A literatura direciona a reflexões relacionadas à realidade, em especial a literatura pós-moderna que encaminha a sua denúncia. E Manoel de Barros, sabendo do papel da poesia, consegue ser um poeta engajado, e, principalmente, um poeta que apresenta ao leitor sua ideologia e a relação político-estética para “esconder por trás das palavras para mostrar-se”.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. São Paulo: Art Editora, 1989.

BARROS, Manoel de. *Gramática Expositiva do Chão: poesia quase toda*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre Nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CARPINEJAR, Fabrício. *Poesia para reciclar*. Disponível em: <www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2018-90k>. Acesso em: 04 marc. 2012.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pos-Modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SARTRE, Jean Paul. *O que é literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. 2.ed. São Paulo: Ática, 1993.